

Graciette Branco [1905-1980]
Graciette Alves da Silva Branco de Santa Rita

Pobre Rosinha !...

Diziam lá na aldeia que qualquer cachopa que viesse servir para Lisboa começaria por ganhar logo os seus duzentos e cinquenta escudos, com bel instalação, boa comida e trabalhos delicados, que não se comparavam com as rudes lides do campo. A Rosa andava na ceifa, na apanha da azeitona e, até, de enxada em punho nas torreiras ardentes de agosto!

À noite, quando chegava a casa, exausta e farta de tanto trabalho, comia as sopas aguadas que a velha mãe lhe preparava e deitava-se numa enxerga imunda, para logo, às cinco da manhã, se levantar e prosseguir nos dias sempre iguais da sua vida!

Mas aquilo sempre assim fora e a Rosa vivia feliz. Aos domingos havia missa, a blusa nova de chita, os risos, as conversas, o descanso.

Mas a jorna era mal paga e o pai da Rosa andava a matutar numa ideia fixa: mandar a Rosa para a cidade e pô-la a servir numa casa boa. A rapariga tinha vinte anos, era asseada, era fiel (podia ver oiro em pó, que nada se lhe pegava às mãos!). Por que não havia ela vir para Lisboa, servir, como as outras?!

Demais, tinha lá uma prima, para onde iria até arranjar casa. Calhara bem a professora da aldeia ir agora a Lisboa, porque levaria a rapariga consigo.

Quando o pai lhe falou no assunto, a Rosa abriu uns grandes olhos de espanto!

Ir, para onde?! Para a cidade?! Para Lisboa? Fazer o quê?!

Jamais a pobrezita da Rosa saíra daquele pequeno povo de oitenta almas!

Do mundo, apenas conhecia o céu, com as suas magníficas noites de luar e de estrelas, os campos sem fim e a vila (onde fora poucas vezes), com as suas casas já um pouco mais altas, com as suas luzes que se acendiam por mistério e músicas bonitas e estranhas que saíam de pequenas caixas! E nada mais! Era apenas isto que conhecia do mundo.

Da vida conhecia o trabalho, a miséria e os pontapés que o pai lhe dava quando vinha bêbedo.

A Rosa não era bonita, mesmo nada, e tinha uma expressão um pouco alvar, de sorriso constante! A alma era pura, boa, inocente, ingénua e confiada! Nos seus vinte anos apercebia-se, vagamente, da maldade e do pecado, como frutos saborosos, mas distantes, indefinidos, inquietantes, estranhos...

Para ela, viver era respirar, trabalhar, comer, rir e dormir. Nada sabia do mundo nem da vida! Ignorava mesmo, que o mundo continuava para além da linha do horizonte e que, por detrás da grande serra, o mundo existia em fascínios, segredos e mistérios!

Mandaram-lhe pôr as roupinhas numa saca, deram-lhe pão e figos para o caminho, e lá veio, sentada ao lado da senhora professora, a caminho de Lisboa. Assustou-se, quando a mandaram subir para o comboio, que apenas vira nesse mesmo dia, mas concordou com tudo, num grande espanto e receio. A viagem era longa porque a Rosa vinha dos píncaros de Trás-os-Montes, das bandas de Mirandela! Entonteceu-lhe a vista a vertigem de velocidade e adormeceu ao fim de uma hora, caída de banda, sobre o saco da roupa.

Adormeceu! Adormeceu e sonhou! Sonhou com as cabras, com a vaquinha malhada, com a madrugada fria, sem luar e sem estrelas, em que se erguia da enxerga para começar a lida.

Sonhou com o pai a bater-lhe e a chamar-lhe madraça e com a encosta da serra, em que colhia estevas, durante o pasto do gado.

E só ao chegar à estação do Rossio a professora a acordou e lhe disse onde estava.

Desceu a estação no ascensor e a pobre Rosa não largava a manga da professora, agarrando-se com força, julgando que o sonho continuava naquela terra estranha.

Era noite já e o Rossio e os Restauradores, nas suas feéricas luzes, no seu constante cruzar de carros, na febril vertigem da vida moderna de grande capital, surgiram, subitamente, nos olhos fundos da Rosa, como uma visão irreal, apocalíptica!...

Agarrada à manga da professora, na arredava pé e apenas perguntava:

– O que é isto?! O que é isto?!

A professora enfasiada respondia-lhe:

– Não sejas parva! O que é isto?! É Lisboa.

E a pobre Rosa, quando adormeceu nessa noite, em casa da prima, não sabia se era a Rosa, se era outra pessoa, se era uma ficção, se ainda existia, se estava viva ou se era uma coisa qualquer!...Não percebia nada e ficava num espanto, sem compreender a forma como se vivia naquela terra! Parecia-lhe que até as pessoas eram diferentes e falavam uma língua estranha! O que faria ela ali, santo Deus!

No dia seguinte, a prima disse-lhe que ia pôr um anúncio para lhe arranjar lugar como criada de fora. Ela dizia a tudo que sim, mas não percebia patavina! O que seria isso do anúncio! Criada de fora!

Passaram dois dias e começaram a chegar pessoas...Mal, porém, falavam com ela, davam uma desculpa e saíam.

Chegou, finalmente, uma senhora que levou a Rosa. Estava farta das espertalhonas da cidade e talvez se fizesse alguma coisa dela.

E a Rosa lá foi...

Logo de entrada lhe vestiram uma farda preta, avental branco, gola e punhos e as lições começaram...

– Quando os senhores pedem qualquer coisa, leva-se tudo dentro de uma salva de prata. Aos senhores ou às visitas, nada se entrega na mão.

A Rosa abria muito os olhos e perguntava:

– Porquê?! Ou então: para quê?!

As outras criadas da casa troçavam dela, chamavam-lhe saloia, estúpida e imbecil.

Mas a Rosa estava habituada a ouvir coisas piores, não se ofendia...

Certa vez, levou a correspondência na mão à senhora. Ia tão cheia da sua pessoa, ficou de boca aberta com a descompostura que ouviu!

Durante quinze dias, foi uma luta homérica para aprender a servir à mesa...

«...Os pratos aqui tiram-se pela esquerda, poem-se pela direita. Servem-se pela esquerda. Deitam-se a água e os vinhos pela direita. A atitude tem de ser rígida, enquanto se serve à mesa. Braços caídos, enquanto os senhores comem; vigiar o serviço de mesa e nem sequer sorrir com as conversas dos senhores».

A Rosa andava positivamente aturdida, estonteada!...

E...tantos talheres na mesa!...Tantos copos!...Para quê?!...

E a pobre Rosa, num comovido silêncio evocava a malga das sopas, a colher de lata, o caldo magro, que ela servia, enrodilhada no chão, perto da lareira!

Meu Deus! Ela podia lá supor que houvesse tanta complicação na vida!

A sua pobre cabeça não conseguia fixar tanto pormenor!

Numa noite, em que pessoas de grande relevo social jantavam em casa, os olhos da senhora deitavam chipas de ódios, porque ela se enganara e deitara o vinho pela esquerda. A outra criada que servia com ela, disse-lhe, entre dentes:

– Estúpida!

A Rosa tinha um nó na garganta prestes a desatar-se em lágrimas!...Baralhavam-se-lhe as ideias! Já não fazia coisa com coisa!

Levou a linda travessa de maionese e serviu, a senhora, pelo lado direito!

A dona da casa empalideceu de raiva envergonha e a criada, que servia a seu lado, deu-lhe uma pisadela furiosa. As mãos tremiam-lhe e andava como um autómato. Sentia que a olhavam com rancor e que a sua pobre alma não podia ser responsável por uma falta que não dependia dela. Não se ajeitava, não compreendia, não decorava aquelas complicações – não tinha culpa!

Ao assado, a pobre Rosa deitou champanhe num cálice de vinho do Porto... Na altura de tirar o pão da mesa, a mola de prata não se abriu. Ela forçou e nada! Tremiam-lhe os dedos e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto! Forçou, forçou e a mola, subitamente, partiu-se!

Então, não esperou mais! Deitou a correr, saiu da sala, chorando alto, e foi esconder-se no seu quarto, atirando-se de borco sobre a cama, encharcada em lágrimas!

Meu Deus! Meu Deus! O que seria agora dela! Ia para a rua e o pai quando soubesse, matava-a! Ah! Santo Deus! Como ela desejaria desaparecer, morrer!...Que saudades da sua aldeia!...Das suas cabrinhas!... Da vaquinha malhada! Do adro da Igreja! Da sua broa! Do seu caldo! Do seu luar! Das suas madrugadas!...

Pobre Rosinha da serra, pobre rosmaninho rústico, que, na manhã seguinte, foi para a rua com o saquito da roupa, a alma negra e os olhos em lágrimas.

E nem sequer sabia o caminho para casa da prima passou um homem que a olhou demoradamente... Ela pediu-lhe que lhe ensinasse o caminho... E o homem extremamente amável e simpático, levou a pobre Rosinha, simples e inocente com as estevas da serra...

Na imprensa: “Um Conto por Dia – Pobre Rosinha!...”. *Diário Popular*, 18 de janeiro de 1956.
https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiarioPopular/DP_Jan1956.htm

Nota: texto adaptado às regras do novo Acordo Ortográfico.